



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

de cruzeiros no programa de construção do Departamento Nacional de Estradas de Ferro e 29 bilhões e 500 milhões no programa de reequipamento da Rede Ferroviária Federal. Cerca de 51 bilhões de cruzeiros serão aplicados, no período de 1956 a 1960, no reaparelhamento de nossas ferrovias. Algumas cifras dão bem a idéia dos esforços governamentais para resolver êsse importante problema. Já foram adquiridos 7.608 novos carros de passageiros e vagões de carga; 300 locomotivas e 283.400 toneladas de trilhos e equipamentos. Os primeiros resultados da execução dêsse programa já estão à vista. Nossas ferrovias vêm dando cabal escoamento à produção nacional, não havendo mais mercadorias retidas e perdidas nos pontos de embarque, o que significa uma importante vitória nesse setor fundamental para a economia do país.

- 89 As ligações rodoviárias merecem cuidado muito especial. Em 1955, o Brasil não possuía mais de 2.400 quilômetros de estradas pavimentadas e todo o sistema rodoviário do país mal superava os vinte e dois mil quilômetros, sendo mais de dezessete mil de revestimento primário. Propôs-se o Governo construir mais 10 mil quilômetros de novas rodovias, e mais de 3 mil de asfaltação. Ultrapassadas que foram tais metas, caminhamos agora para os novos objetivos de 18 mil quilômetros de construção e 5.800 de pavimentação asfáltica, que serão atingidos ainda êste ano. Quatro grandes rodovias, além de inúmeras menores, serão completadas antes de findar-se o meu Governo: Belém—Brasília—Pôrto Alegre, com 4.550 quilômetros; Fortaleza—Brasília, com 1.826 quilômetros; São Paulo—Curitiba, com 401 quilômetros e Rio—Belo Horizonte—Brasília, com 1.200 quilômetros. Sômente a Belém—Brasília exigiu investimentos da ordem de 2 bilhões, 750 milhões de cruzeiros, sendo que os investimentos da rodovia Brasília—Pôrto Alegre atingirão cifras bem

mais altas, dadas as dificuldades topográficas das regiões atravessadas.

A Transbrasiliana Belém—Brasília—Pôrto Alegre 90  
constituirá uma coluna dorsal que correrá do Norte ao Sul do País, da Amazônia aos pagos do Rio Grande, estabelecendo a ligação física do país pelo interior.

O Brasil vai escrever com êsses poderosos elos de 91  
intercâmbio econômico, social e espiritual, novos capítulos de sua História, que não será apenas a de uma civilização costeira, mas a da posse e da valorização efetivas de imensas áreas, antes sòmente vislumbradas nas ações pioneiras dos bravos homens que procuraram conquistar o Oeste brasileiro.

As obras-de-arte rodoviárias — pontes e viadutos 92  
— que estarão concluídas até ao fim do corrente ano — somarão 38 quilômetros e compreenderão trabalhos do vulto da ponte internacional Brasil—Paraguai, e das pontes sôbre o rio Paraná, em Pôrto 15 de Novembro, com 2.262 metros, sôbre o Jequitinhonha, com 501 metros; e sôbre o Tocantins, com 500 metros.

A ponte internacional Brasil—Paraguai é um mo- 93  
numento de beleza e técnica, erguido pela engenharia nacional à amizade entre os dois povos. Mede 550 metros de comprimento, sendo o seu arco de concreto armado, de 300 metros de extensão, o maior do mundo.

A indústria automobilística, praticamente inexistente 94  
no início do meu Govêrno, faturou cêrca de 93 bilhões de cruzeiros, em veículos e autopeças, em 1959, soma já bem superior aos 70 bilhões de cruzeiros da produção de café. A contribuição para os cofres públicos, em impostos, foi da ordem de 10 bilhões e 700 milhões de cruzeiros.

Operou-se, nesse setor, verdadeira revolução, pois 95  
entrou o Brasil a figurar entre os países produtores,

numa posição que surpreendeu o mundo técnico. Da estaca zero, em 1956, passamos, em 1957, a uma produção de 30.700 veículos. Já no ano passado, logramos produzir 96.243 veículos, o que justifica a previsão de que em 1960 a produção alcançará 135 mil unidades.

96 A indústria automobilística provocou o desenvolvimento das indústrias subsidiárias, que hoje dão trabalho a cerca de 120.000 homens em suas várias especializações, criando nova técnica antes pouco conhecida no país.

97 No período de 1957 a 1959, a indústria automobilística produziu 188.072 veículos, no valor aproximado de 700 milhões de dólares. A liberação de divisas girou em torno de 414 milhões de dólares. É um novo ciclo econômico que se iniciou para o Brasil, desta feita no domínio dos transportes, vital para o seu progresso e soberania.

98 Quanto a armazéns e silos, elevou o meu Governo a capacidade de estocagem, da ordem de 84.650 toneladas em 1955, para 452.650 em 1959, com o que ultrapassamos a meta fixada. Em 1960, com as obras em execução, chegaremos a 600.000 toneladas. No setor dos fertilizantes, a meta de 300.000 toneladas adicionais foi atingida no que se refere à capacidade instalada das fábricas. Tudo indica que entraremos no regime da plena produção em 1960, quando teremos então 400.000 toneladas. Relativamente a tratores para a lavoura, com as medidas adotadas pelo meu Governo, já no biênio 1956-1957, quando importamos 10.000 unidades, a meta de 60.000 foi alcançada. Em dezembro de 1959, já havia 74.000 tratores em atividade. Por outro lado, através do Decreto n.º 47.473, de 22 de dezembro de 1959, demos um passo decisivo no sentido da implantação da indústria nacional de tratores. Esperamos produzir, neste ano, 2.500 unidades e, em 1961, 7.000, com um índice de nacionalização da ordem de 85 %.

Outra meta do meu Governo, virtualmente atingida, diz respeito ao cimento. Programamos passar de uma produção de 2 milhões e 799 mil toneladas em 1955, para 5 milhões em 1960. A capacidade atual das fábricas nacionais já é de 4 milhões e 809 mil toneladas. Igual êxito tiveram os esforços para elevar a capacidade de produção da celulose, da ordem de 90 mil toneladas, para 260 mil. Em 1959, já registrávamos a capacidade de 253 mil toneladas.

Quanto à fabricação de papel, que era de 40 mil toneladas em 1955, fixamos a meta em 130 mil e já atingimos a capacidade de 78 mil toneladas. Na parte referente a material elétrico e à mecânica pesada, a produção brasileira era deficitária. Não fabricávamos turbinas e geradores pesados. Hoje, produzimos geradores de 4.200 kVA., com possibilidade de serem fabricadas, em breve, unidades até de 100 mil kVA, assim como turbinas hidráulicas de 80 mil kVA.

Relativamente a geradores de força já poderemos fabricar unidades até de 100 mil kVA. No que diz respeito a motores, a expansão foi também notável: em 1956, a capacidade era de 760 mil HP. Dois anos depois, essa capacidade havia atingido 1 milhão e 700 mil HP.

A criação do Fundo de Marinha Mercante e a instalação do Grupo Executivo da Indústria de Construção Naval possibilitaram o desenvolvimento industrial do país nesta importante área, com a implantação de 9 estaleiros. Os dois primeiros navios construídos dentro desse programa serão lançados ao mar no corrente ano.

O meu Governo cuidou, com igual interesse, do amparo às atividades agropecuárias. Os financiamentos aos agricultores e criadores elevaram-se de 16 bilhões e 600 milhões de cruzeiros, em 1955, para

41 bilhões e 800 milhões em 1959, correspondendo o aumento a 250 %. Foram, também, substanciais os recursos destinados à produção agrícola e extrativa vegetal para o custeio de entre-safra, assim como os votados ao custeio de entre-safra de produtos alimentares de exportação.

104 Não quero, também, deixar de referir-me a um projeto específico e de longo alcance, cuja realização já se encontra em curso. Nunca se descuidou o meu Governo do problema dramático das sêcas do Nordeste e, além de uma contribuição assistencial que chegou a custar mais de vinte milhões de cruzeiros diários em 1958, a administração federal realizou uma importante obra de açudagem no Polígono das Sêcas. Havia, em 1955, três bilhões de metros cúbicos de açudes; neste comêço de ano, devemos ultrapassar a meta de 8 bilhões de metros cúbicos, sem falar nos 113 quilômetros de canais de irrigação que foram construídos. Ao tomar posse, encontrei no Brasil 7 bilhões de metros cúbicos de água nos açudes e barragens; ao passar o cargo, terei elevado essa cifra para 80 bilhões.

105 Mas êsse esforço, embora considerável, não era suficiente. Cumpria libertar o Nordeste das providências de caráter meramente assistencial, elaborar um plano orgânico e atualizado de recuperação econômica da região e coordenar a atividade dos numerosos órgãos da administração pública que operam na zona das sêcas, muitas vêzes com desvêlo e eficiência, mas de modo dispersivo. Para tal fim, foi criada a CODENO e agora, com a aprovação legislativa de um projeto governamental, instalou-se a Superintendência de Desenvolvimento, encarregada de executar a Operação Nordeste, segundo o planejamento cuidadoso de soluções de conjunto para os problemas daquela região. Estão, assim, lançadas as bases para que se venha corrigir, em prazo razoável, o desnível econômico-social

entre o Nordeste e o Centro-Sul do país. Essa situação, injusta e perigosa, tendia a agravar-se, tanto mais que a participação do Nordeste no produto bruto da economia brasileira, que era em 1939, antes da última guerra, de 30 %, hoje se situa na ordem de 11 %.

A SUDENE pretende ser um órgão de natureza renovadora com o duplo objetivo de dar ao Governo um instrumento que o capacite a formular uma política de desenvolvimento para o Nordeste e, ao mesmo tempo o habilite a modificar a estrutura administrativa em função dos novos objetivos. 106

Definidos êsses objetivos, deixará de haver multiplicidade de políticas do Nordeste, uma do DNOCS — o Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas — e outra da Comissão do Vale do São Francisco; uma do DNER e outra do DNEF; finalmente, tantas políticas quantos são os órgãos do Governo Federal que operam na região, todos crescendo vegetativamente, repetindo coisas que fizeram no passado, bem ou mal, na medida que puderam, e quase todos com enormes dificuldades principalmente porque não podem ver o problema no seu todo. 107

Não quero aqui esquecer a colaboração — não apenas espiritual e inspirada por Deus, mas também concreta, traduzida por atos, incitamentos e experiências práticas — do bravo e dedicado episcopado do Nordeste. Nunca me deixaram, êsses vigilantes pastores, de lembrar o problema nordestino e a necessidade da salvação de tantas preciosas vidas de brasileiros, tão dignos quão castigados por uma sorte madrasta. 108

A Reunião dos Bispos, tendo à frente, como Secretário, a incansável e apostolar figura de Dom Helder Câmara, tem sido um dos mais vigorosos instrumentos para o combate ao subdesenvolvimento do Nordeste. 109

Eis aí o que fizemos no plano material. Mas nunca nos descuidamos de trabalhar pelo estabelecimento de um clima de harmonia e liberdade que favorecesse a obra de recuperação democrática das instituições brasileiras. Ao avizinhar-se à campanha eleitoral, posso afirmar que o problema sucessório está colocado em termos dignos de um país livre, em plena maturidade política. Para avaliarmos o enorme caminho percorrido, bastará fazer uma pausa e voltar os olhos para a situação do Brasil até ao dia em que tomei posse. Os que exigem o absoluto dos esforços alheios e reclamam resultados perfeitos poderão apontar nugas ou deficiências — mas o fato é que estamos numa terra de liberdade, cada vez menos ameaçada por qualquer solução de violência. A fúria depredatória e anti-democrática — que se revelou até mesmo em alguns dos que pareciam ter dedicado suas vidas à defesa dos ideais da democracia — tornou-se, nos dias atuais, posição inconseqüente e insólita. O bom-senso popular corrige os impulsos dos remanescentes de uma era já ultrapassada de pronunciamentos, e os corrige da maneira mais exemplar, ministrando-lhes a punição da indiferença.

Sabe a opinião pública que o sistema democrático não funciona com toda a perfeição desejável, mas sabe também que melhor regime até aqui não se ideou e que o aperfeiçoamento das instituições livres é uma consequência da continuidade ininterrupta da vida democrática. Não há evolução democrática sem duração do exercício dos direitos e dos deveres políticos segundo os princípios constitucionais. O esclarecimento popular sobre a escolha dos dirigentes da Nação e dos representantes do povo é oriundo de um crescente amadurecimento, que só se verifica pela prática do voto. Foram dolorosas as circunstâncias da batalha eleitoral que me fez Presidente da República. Não desejo, para nenhum dos candidatos de hoje, as vi-



cissitudes por que passei. Não as quero relembrar, senão para têrmos noção exata do avanço alcançado na meta de consolidação democrática de nosso país. Já não há golpes, nem pronunciamentos destoantes, que ponham em risco o regime; e quando ocorre um levante, fruto de presunçosa irreflexão, carece êle de qualquer envergadura e, encontrando ambiente tão pouco acolhedor, contribui para afastar esperanças mal colocadas e fortificar idéias mais construtivas.

Sei que êste ano é o da completação da meta política e, por isso mesmo, o momento é o mais delicado de todos. Vamos proceder a eleições, e só desejo repetir aqui o que tenho insistentemente afirmado: as eleições, presidenciais ou outras, são atos normais da democracia; assim devem ser tratadas e nada justifica que o regime estremeça tôdas as vêzes que se avizinha um pleito, como se o ato da escolha de elementos do Govêrno ou do corpo legislativo não fizesse parte do jôgo das livres instituições, cuja conquista representou grata vitória do nosso povo. Tenho a convicção de que, desta vez, não se registrará a menor perturbação da ordem — em qualquer sentido — e que os escolhidos pelo eleitorado brasileiro se empossarão sem que se discuta o pronunciamento das urnas e da justiça. Porei todo o meu empenho nisso e quero ter sido eu o último candidato à Presidência da República obrigado a vencer resistências antidemocráticas e a enfrentar ameaças de um inconformismo político bem mais atentatórias aos nossos foros de país civilizado do que à minha pessoa. Agradecido ficarei a Deus por ter podido governar sem o emprêgo de medidas de exceção e por ter sabido conservar-me sereno e isento. Espero manter-me assim sempre, resguardando a minha autoridade sem permitir excessos. Não creio estar a meu alcance maneira melhor de defender a democracia do que a de oferecer eu próprio um exemplo de respeito às leis e ao regime, fazendo, porém, assegurar a ordem

112

sempre que quiserem atentar contra a paz e a tranquilidade da família brasileira.

113

Ao examinarmos os atos de meu Governo, em seus aspectos mais importantes, não seria possível omitir referência especial à dinamização das atividades da nossa política externa. O movimento que se denominou “Operação Pan-Americana” ganhou vulto e, nestes últimos tempos, vem abrindo perspectivas extremamente favoráveis. Há dois anos, em consonância com os países irmãos do continente, indicávamos que se tornava urgente transformar num plano de ação concreta a geral aspiração de levantarmos o nível de vida dos povos dêste Hemisfério. Desde então, temos lutado por essa “Operação Pan-Americana”, encontrando as resistências naturais que se costumam opor a qualquer violência à rotina, mas enfrentando-as com a paciência e, mesmo, a obstinação que nos ditava a consciência de estarmos no bom caminho. A “Operação Pan-Americana” — que visa a integrar os países do continente num esforço decisivo para solver os problemas essenciais do nosso tempo — é, no momento em que vos falo, uma iniciativa triunfante, que mereceu o apoio das 21 Repúblicas e que vai prosseguir no terreno das medidas práticas de combate ao subdesenvolvimento. Devo proclamar aqui que a “Operação Pan-Americana” muito ficará a dever ao Presidente da República do México. Dêle acabo de receber sugestões valiosíssimas no sentido da adoção de providências concretas para a realização de nosso objetivo comum. O Presidente López Mateos trocará idéias sobre o assunto com outros Chefes de Estado. No que toca ao Brasil, tenho a satisfação de enunciar que as idéias do Presidente mexicano, por sua disposição construtiva e perfeita objetividade, receberam de minha parte total adesão. Espero que o mesmo aconteça com os demais países, cuja opinião acatamos como decisiva para o bom êxito desse grande movimento, generosamente concebido e

que necessita de ter, firmemente delineados, não só os seus objetivos gerais, como também a ordem de prioridade no tratamento dos diversos assuntos.

De conformidade com a nossa posição tradicional e com o espírito do novo pan-americanismo, temos intensificado, por todos os modos, as nossas relações com os países dêste Hemisfério. As visitas que nos fazem Chanceleres e Chefes de Estado, como a do Presidente do México e, dentro em breve, a do Presidente da Colômbia, concorrem proveitosamente para entendimentos diretos e acertos de posições em benefício mútuo e da causa continental. Não pouparemos esforços no sentido de contribuir para que se forme na América Latina um clima de confiança e harmonia, propício a uma efetiva cooperação, cuja importância e extrema urgência ninguém mais contesta. Por outro lado, entre os Estados Unidos e o Brasil, as nossas relações de amizade retomaram um caráter de cordialidade correspondente ao desejo comum de cada vez mais íntima colaboração. Esperamos que êsse desejo se converta em realidade e que as nossas futuras relações venham a ultrapassar de muito os quadros presentes. Todo o país aguarda com alegria a viagem do Presidente Eisenhower, que certamente virá dar novo impulso à solidariedade interamericana e à amizade entre o Brasil e os Estados Unidos. Confio, outrossim, em que nos seja possível lançar novas bases para o incremento de nossas relações comerciais, mediante a remoção de certos obstáculos ainda existentes entre o exportador brasileiro e o consumidor norte-americano. No que toca ao problema cafeeiro, os Estados Unidos adotaram uma política liberal desde os tempos do Presidente Jackson. Mas há, de certo, muito ainda por fazer em outros setores. De qualquer modo, tenho a impressão de que nossos objetivos estão sendo compreendidos e ninguém ignora que desejamos apenas encarar o aspecto construtivo das coisas.

114

No quadro geral da nossa política externa, temos procurado ampliar as nossas relações comerciais com quase todos os países do mundo, num esforço para encontrar novas formas de cooperação econômica e novos mercados para os nossos produtos. Estamos estudando as possibilidades de maiores contactos com os países da Europa ocidental, cujas economias se mostram cada vez mais vigorosas e dinâmicas. Concluimos satisfatoriamente arranjos de comércio com a União Soviética, e estamos dispostos a negociar nesse campo com outros importadores potenciais de produtos brasileiros. Em tudo agiremos de acordo com a nossa conhecida posição no mundo e no interesse supremo da paz e da prosperidade dos povos.

Encerrando esta exposição, quero reafirmar quanto disse no discurso pronunciado no último dia do ano passado. Sem prejuízo do desenvolvimento, sem paralisar a nação, tendo sempre em vista que nos cumpre enfrentar um aumento populacional imenso — vamos nos empregar na obra de recuperação monetária, no combate ao supérfluo, na luta contra a desordem, em todos os sentidos e planos. Não recuarei diante de esforço algum para completar a tarefa de integração nacional e facilitar o trabalho dos brasileiros, permitindo assim que este país possa acolher os novos contingentes humanos que virão aumentar e enriquecer a sua demografia. Tenho a convicção inalterável de que, neste grande país, o caminho da salvação, da tranquilidade, da segurança, da independência desta e das futuras gerações só pode ser o do contínuo enriquecimento nacional. Ninguém me demoverá da certeza de que devemos empregar constantemente novos cabedais de energia humana e de competência na construção de nosso país. Não vejo um Brasil atrofiado, anêmico, ameaçado por uma fôlha seca que caía, ou por uma corrente de ar. Se é crime ambicionar a grandeza de seu país, não escondo este meu crime. Já enfrentei horas

mais adversas que a presente. De modo crescente, meu Governo vai sendo amparado pela compreensão do país. Sinto que muitos já estão vendo o novo Brasil, que surge e se afirma. Já falei, porém, demais, e ainda nos espera todo um ano de luta e de trabalho. Num país em construção como éste, não há outra alternativa senão retornarmos todos os momentos, e até quando Deus o permitir, às tarefas incessantes que surgem tôdas as horas. Fôrça é que amemos o nosso destino, que tenhamos paciência com as enganadoras vozes da descrença e que não ambicionemos outra recompensa senão a da consciência de não nos têmos poupado no empenho de propiciarmos o encontro do Brasil com a sua vocação para a grandeza.